São Paulo, domingo, 13 de fevereiro de 2011 FOLHA DE S.PAULO mercado

Texto Anterior | Próximo Texto | Índice | Comunicar Erros

Cultura quer foco em economia criativa

Inspirado em Barcelona e no Reino Unido, ministério estuda gerar núcleos criativos em áreas urbanas degradadas

Arquitetura, música, cinema e design vivem boom global e geram, no país, R$ 380 bi; desafio é profissionalizar

MARIANA BARBOSA
DE SÃO PAULO

A terceira maior indústria do mundo, atrás de petróleo e de armamentos, tem como principal insumo a criatividade.
Da moda ao design, passando por cinema e literatura e incluindo a produção de software, a chamada indústria criativa movimenta mais de R$ 380 bilhões no Brasil, segundo estimativa da Firjan (Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro).
O setor ganha neste ano maior relevância institucional, com a criação, no Ministério da Cultura, da Secretaria da Economia Criativa.
O conceito vem dos anos 90: indústrias criativas são aquelas com potencial de geração de riqueza e emprego por meio da utilização de propriedade intelectual.
Do conceito surgiram experiências de cidades ou núcleos criativos, como forma de transformação de áreas degradadas e de desenvolvimento sustentável.
Caso de Glasgow, que uniu todas as disciplinas em uma só escola no meio de uma área degradada e violenta. Por meio do envolvimento dos alunos -designers, estilistas e artistas- com a comunidade, a área foi recuperada.
A criação de núcleos e redes de cidades criativas é uma das prioridades da nova pasta, revelou à **Folha** a secretária de Economia Criativa, Cláudia Leitão.
Ela diz que quer se aproximar do Iphan (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), órgão do próprio Ministério da Cultura, para estimular a geração de núcleos criativos.
"Temos que promover uma ocupação de prédios históricos que seja inclusiva e que gere riqueza", diz Leitão, ex-secretária de Cultura do Ceará e professora da Universidade Federal do Ceará.
"Temos muito o que aprender com as experiências de fora, da Austrália, de Barcelona."

CONTRAEXEMPLO
Já o exemplo do que não fazer vem de Salvador. "A reforma do Pelourinho tinha enganos graves. Foi feita a partir de uma

visão do turismo, de exclusão. Temos de incluir a população local."

Outro exemplo de patrimônio com potencial de se transformar em cidade criativa é o centro de São Luís.

"O Maranhão precisa tornar a diversidade um ativo para a sua economia. Precisa ir muito além do título de Patrimônio da Humanidade."

Interessada no tema desde o início dos anos 2000, Leitão foi para Brisbane, na Austrália, estudar com os grandes pensadores da área.

"Esse é um conceito novo, que precisa ser compreendido pela sociedade", diz Leitão. "Você tem ainda uma visão negativa, que nasce com a Escola de Frankfurt, com uma visão apocalíptica da indústria cultural."

Segundo ela, o Brasil precisa empreender mais na área e exportar a diversidade cultural, do mamulengo ao software e à arquitetura.

"A criatividade é um insumo que não acaba e a economia criativa pode ser uma grande estratégia de desenvolvimento com distribuição de renda."

ATRASO

O tema chega ao Brasil com atraso de 17 anos. Em 1994, a Austrália foi o primeiro país a apontar a necessidade de desenhar políticas públicas para estimular a economia movida a cultura e criatividade.

Mas o termo indústria criativa só ganhou visibilidade internacional em 1997, quando o governo britânico do trabalhista Tony Blair criou a Força-Tarefa das Indústrias Criativas.

Texto Anterior: Mercado Aberto
Próximo Texto: O que é economia criativa
Índice | Comunicar Erros

Copyright Empresa Folha da Manhã S/A. Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução do conteúdo desta página em qualquer meio de comunicação, eletrônico ou impresso, sem autorização escrita da Folhapress.